

LIVIO SANSONE

Desigualdades duráveis, relações raciais e modernidades no Recôncavo: o caso de São Francisco do Conde

LIVIO SANSONE
é coordenador
do Programa de Pós-
Graduação em Estudos
Étnicos e Africanos e
do Programa Fábrica
de Idéias do Centro de
Estudos Afro-Orientais
da UFBA.

É determinante buscar desvendar o funcionamento daquela que podemos chamar de “cultura das desigualdades”, sem a qual desigualdades extremas não poderiam funcionar de forma durável: a forma pela qual as diferentes camadas sociais olham uma para outra, comentam e justificam ou aceitam, de alguma forma, as diferenças socioculturais e as desigualdades. Igualmente importante é entender como essa cultura muda – se muda – devido a, ou em relação com, o contexto das oportunidades e da economia, e como essa cultura é transportada de uma geração para a próxima. Uma pesquisa que tenta entender como se cria e mantém no tempo o *habitus* da distância social necessita de uma perspectiva longitudinal.

Neste trabalho pretendo contextualizar uma pesquisa, já em andamento desde meados de 2003, que, a partir de outubro de 2005, entra numa nova fase ¹. A pesquisa deverá contribuir para a compreensão da forma pela qual a mobilidade social e as desigualdades, sobretudo aquelas que podemos definir como extremas e duráveis, estão sendo percebidas em gerações diferentes, de pais e de filhos (estes, na faixa etária de 15 a 30 anos). Seu foco analítico principal reside no estudo da mudança geracional: a transferência de desigualdades de uma geração para outra e os efeitos da ascensão social entre alguns e da miragem da mesma entre os demais, assim como o processo pelo qual esse conjunto cria os limites dentro dos quais são construídas noções de cidadania, expectativas com relação ao mundo do trabalho e novas identidades sociais e raciais. Neste último caso, trata-se de entender como, quando e por que as pessoas começam a se dizer negros.

¹ A pesquisa recebeu apoio do Conselho Nacional de Pesquisa, na forma de uma bolsa de produtividade, uma bolsa de apoio técnico e dinheiro para custeio. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) disponibilizou duas bolsas de Iniciação Científica.



Escolhemos uma região que apresenta aspectos específicos embora esteja historicamente associada à trajetória de duas importantes mercadorias globais – o açúcar, desde 1550, e o petróleo, desde 1950. O foco são duas gerações: aquela, em sua maioria empregada no mundo do açúcar, que foi atingida direta ou indiretamente pela chegada na região da companhia petrolífera de estado (antigamente Companhia Nacional do Petróleo e agora Petrobras), já no começo dos anos de 1950, hoje constando de aposentados (e pensionistas); e os filhos deles, hoje entre 15 e 35 anos de idade. Com isso, será possível reconstruir, na base de relatos e documentos, cerca de 50 anos de história dessas famílias.

Este proposto segue as pegadas do grande projeto de pesquisa da Unesco que, em colaboração com a Columbia University e a então nascente Universidade Federal da Bahia, a partir dos primeiros anos 50, escolheu na Bahia cinco contextos sociais para estudo das relações raciais e, mais em geral, da mudança social: as “elites de cor” na cidade de Salvador e mais quatro comunidades no interior do estado da Bahia, naqueles anos então ainda definidas como rurais. Eram comunidades que representariam as diferentes regiões geográficas e sociais da Bahia assim como graus diferentes de “desenvolvimento” ou “atraso”. Tratava-se, de fato, de pesquisar como e até que ponto a Bahia – ou as regiões desse estado mais bem conectadas com sua capital, Salvador – estava mudando (Wagley, 1963; Hutchinson, 1957; Brandão, 1998).

Assim, com o propósito de reavaliar esse grande projeto da Unesco, a pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida no município de São Francisco do Conde (SFC), a 70 km de rodovia de Salvador. Ela pretende medir o impacto da transição de uma economia simbolizada pelo açúcar para outra simbolizada pelo petróleo – ambos produtos característicos de economias e rede “globais”. Trata-se de uma das comunidades pesquisadas pelo projeto e que, naqueles anos, foi escolhida por constar de um núcleo “atrasado” – por estar numa situação de pouquíssimo crescimento

econômico, pouco aumento da população se comparado com outras cidades do Recôncavo, mais perto de Salvador e mais beneficiada pelas contratações em resultado das instalações da Petrobras, como era o caso de parte do município limítrofe ao município de Candeias – assim como de uma parte “avançada” – notadamente a grande vila operária e os poços petrolíferos em torno da Usina Dão João.

A questão mais geral levantada pela pesquisa é como a transição do açúcar para o petróleo, como fonte principal de riqueza direta ou indireta, afeta as expectativas, narrativas e práticas em torno das desigualdades, assim como do processo de redefinição identitária, da relação das jovens gerações com o trabalho, o lazer, o consumo e a sexualidade. Pretendemos pesquisar a percepção das desigualdades, extremas e duráveis, resultado dessa importante transição econômica e de novas demandas de cidadania, estimuladas pela combinação entre aumento da escolaridade, se comparado com a geração anterior, complemento da fase da democratização, crescente exposição à globalização (das idéias, expectativas, mercadorias e mercados) e mudanças nas relações de classe, de raça e de gênero. Postulamos que o mundo do açúcar criou estruturas sociais extremamente desiguais, mas também modernas, que se mostraram bastante capazes de continuar funcionando mesmo quando o açúcar deixou de ser central na economia local.

Num âmbito mais geral, a presente pesquisa visa a medir como mudaram as relações sociais, sobretudo as relações raciais, em SFC nas últimas décadas. É preciso entender como se articulam novos discursos e práticas em torno do ser negro e do ser branco, e como mudam os ícones desse processo, colocando as relações raciais e o processo identitário entre os negros num conjunto mais amplo, cujos fatores principais são: a crise de trabalho; mudanças radicais nas relações de gênero – menor número de filhos, famílias menores, popularização do amor romântico; a invenção do ser jovem; o aprofundamento da globalização das expectativas de con-

sumo. Até há uma década a relação com a economia global era pelas redes do açúcar e do petróleo, hoje essa conexão se dá, sobremaneira, pelo consumo. Logo, interessa examinar como, dentro desse contexto de grandes novidades em termos de trabalho e exposição a fluxos de culturas e mercadorias que “vêm de fora”, mudam práticas e discursos em torno do consumo, da festa (São João, carnaval, samba de roda, *reggae* e, de alguma forma, candomblé) e do corpo (cuidado do corpo, noções de beleza, sexualidade).

Interessa analisar ainda como diferentes grupos da população estão reagindo frente à crescente exposição a mercadorias, valores e idéias “que vêm de fora”, algo possibilitado pelo fato de a cidade estar se inserindo em redes mais amplas; é preciso entender como essa crescente abundância de referências contribui para a rearticulação de identidades e sentidos coletivos em torno de noções como comunidade, cor ou “raça”, gênero e sexualidade (a cesta dos parceiros, o homem ideal, etc.), o sentir-se jovem, a posição social (entendida como uma combinação de renda e lugar no mercado de trabalho). É nesse contexto, feito de redes e fontes mais complexas, assim como de horizontes geograficamente mais amplos, que podemos chamar de *habitus*, que os moradores tentam rearticular e reorganizar suas estratégias de sobrevivência².

NO CORAÇÃO DO MUNDO DO AÇÚCAR

O município de São Francisco do Conde e seu imediato redor (partes dos municípios de Santo Amaro e de Candeias) formam parte do Recôncavo Baiano, uma região que teve um papel central em toda a história da escravidão e do açúcar, que hoje podemos chamar de *rurban*, por ter sempre tido uma relação muito intensa em termos de capitais e força de trabalho com a cidade de Salvador e por estar se constituindo em um novo cinturão, densamente povoado, em torno

da Região Metropolitana de Salvador. O Recôncavo teve e ainda tem, ademais, um papel central na construção das expressões afro-baianas na cidade de Salvador: atuando como um tipo de retaguarda cultural, o lugar de onde provêm as tradições do samba-de-roda, a culinária afro-baiana e boa parte do artesanato comumente tido como (afro-)baiano.

Um motivo adicional de interesse por essa região se deve à sua especificidade para uma pesquisa centrada nas desigualdades. O município onde se realiza a pesquisa goza de um alto índice de repasse do ICMS (imposto), derivado da refinação do petróleo. Esse repasse o torna o segundo ou terceiro município do estado em renda *per capita*. Essa riqueza relativa, porém, anda *pari passu* com um dos mais altos índices de desigualdades da Bahia e com um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Se o IDH municipal cresceu de 0,622 em 1990 para 0,714 em 2000, o IDH da renda no município, que era 0,544 em 1990, cresceu somente até 0,589 em 2000 (fonte: lista do IDH municipal, www.ibge.gov.br). Em 2000 o IDH de longevidade continua baixo em SFC: 0,689. Somente o IDH com relação à educação aumentou muito, no município, de 1990 a 2000: de 0,728 a 0,863. Podemos dizer que SFC se caracteriza no Nordeste por mostrar uma renda relativamente alta, uma longevidade baixa (em virtude da pobre saúde da população) e um nível educacional relativamente alto e crescente (devido aos esforços por parte do governo federal, mas sobretudo estadual, de aumentar o número de matrículas no ensino básico – isso, em si, obviamente não significa um aumento da qualidade e da quantidade da formação educacional em geral).

SFC, nos anos 50, era uma cidade completamente centrada na economia açucareira, altamente segmentada entre grupos populacionais associados a classes sociais que eram também grupos de *status* e quase estamentos. A elite local era restrita e quase que inteiramente branca. Como em outras áreas da Bahia (Harris, 1966), existia uma forte correlação entre cor, tipo de trabalho, lugar de moradia e tipo de arranjo

2 A presente pesquisa já realizou um conjunto de atividades, subdividido em duas seções: 1) pesquisa documental nos arquivos da prefeitura e da Igreja Católica, assim como nos arquivos estaduais e na mídia impressa de SFC e/ou de outros municípios da região (por exemplo, Santo Amaro). Foram procuradas matérias de jornais e revistas, bem como material iconográfico, diários, poesia e literatura popular. Além disso, efetuou-se um levantamento de todo material estatístico, de 1940 até hoje, que pode ser encontrado junto ao IBGE e ao Estado; 2) observação participante e entrevistas em profundidade com todos os integrantes de algumas famílias escolhidas para representar as diferentes camadas sociais e grupos de renda da cidade. Nos concentramos em algumas famílias de (ex-)donos de usinas, nos funcionários ativos e aposentados da Petrobras e nas pensionistas da mesma empresa, e nos ex-funcionários da Usina Dão João. Tentou-se também identificar quais indivíduos e famílias foram entrevistados na região no âmbito do projeto Columbia/UFBA sob os auspícios da Unesco nos anos de 1951-53, fazendo-se o possível para reconstruir a memória em torno da pesquisa do jovem Hutchinson. Dessa forma, a pesquisa tem, até o presente momento, mapeado a situação e identificado, na base de observação participante, encontros com diversos grupos culturais, pesquisa documental e 60 entrevistas em profundidade coletadas nos últimos 12 meses, os grupos e as mais candentes questões sociais no município. Importantíssimo para nossa pesquisa foi a vontade dos (ex-)operários da Petrobras de serem entrevistados, assim como, no contexto do mundo do açúcar, caracterizado por muito mais silêncios, analfabetismo e “perdas” de memória, ter encontrado milhares de fichas sindicais, jamais sistematizadas, e o livro com pagamentos e contratações da Usina Dão João, que abarca o período de 1930 a 1969.

familiar. Mesmo entre os negros havia uma segmentação interna bastante acentuada, baseada no tipo de trabalho (carregar lenha, por exemplo, era uma das atividades com menor prestígio) e na rua de residência. A cor formava grupos definidos em termos de “raça social” – como dizia Charles Wagley, era a posição social, definida em termos de posse de capital econômico, social e cultural, que, em associação com o fenótipo, definia a “cor” da pessoa – e os grupos de cor se constituíam em “raças sociais”. Os espaços de lazer refletiam devidamente essa rígida segmentação da população. O carnaval ainda nada mais era que uma festa, em clubes fechados, da elite, que, por meio disso, criava um elo social e simbólico com a vida cultural soteropolitana. A festa do povo era celebrada durante e graças a festividades em torno do São João e do Natal. Salvador, embora relativamente próxima em termos geográficos, era distante, sendo o transporte sobretudo por barco. Do ponto de vista econômico, a não ser pelas trocas econômicas e financeiras em torno da indústria açucareira, SFC vivia uma vida bastante independente – a população se nutrindo de comida produzida localmente ou nos arredores. Querendo uma definição de fácil efeito, podemos dizer que SFC, naqueles anos, era um sociedade sobretudo local, com elos com os mundos de fora, mantidos somente por uma pequena parcela da população, a elite, que, segundo Hutchinson, nada mais significava do que um ou dois por cento do total da população, que tinha ramificações sociais e familiares que chegavam até Salvador. Era sobretudo o açúcar que permitia e possibilitava a criação de redes translocais a partir de SFC.

Cinquenta anos depois, nos deparamos com uma SFC radicalmente mudada. Segundo os dados do Censo, SFC tinha cerca de 11.000 habitantes em 1950 e 26.250 em 2000. Desses, os brancos eram cerca de 9% em 1950 e 8% em 2000.

A instalação de diferentes atividades ligadas à Petrobras (sobretudo, poços e refinarias), a partir dos anos logo após o estudo de comunidade realizado por Hutchinson, tem forçado uma profunda transformação do tipo de relação laboral, impondo novos

tipos de tratos, inspirados por relações contratuais e introduzindo direitos trabalhistas para uma parcela importante da população que, até então, tinha ficado à mercê da elite açucareira – ainda que o “ser petroleiro” tenha se configurado muito mais como um mito do que como realidade para a grande maioria dos empregáveis, que acabaram se encontrando desamparados (desempregados pelo mundo do açúcar e abandonados ou simplesmente esquecidos pelo mundo do petróleo). Mesmo que empregando, de forma direta, relativamente poucos homens, o açúcar, afinal, empregava, direta ou indiretamente, muitas mulheres (a Petrobras contrata, por definição, somente homens). A migração para Salvador ou cidades do Sudeste dos integrantes das famílias da elite foi aumentando conjuntamente com o surgimento de uma nova elite política local, cujo crescimento está associado à expansão da máquina burocrática municipal. Já a partir dos anos de 1980 a prefeitura se torna a mais importante empregadora – as atividades ligadas à extração do petróleo têm significado a mais importante arrecadação para os caixas do município. Enquanto aumenta, e se mantém constantemente alta, a renda originada das atividades petrolíferas, diminui aquela oriunda de outras atividades produtivas. Como em outras regiões do Brasil, como o norte do estado do Rio de Janeiro, a extração do petróleo significa a chegada de técnicos de fora, maior circulação de dinheiro, mudança nos padrões locais de consumo e no mercado habitacional, disponibilidade de fundos para a prefeitura – que, geralmente, o poder local usa para se manter no lugar. O sucesso de um prefeito depende da sua capacidade de gerenciar e tornar visíveis esses fundos, realizando obras de impacto, distribuindo cestas básicas, contratando centenas de pessoas sem concurso, enfim, distribuindo renda entre os que o elegeram, assim como se mostrando implacável entre os desafetos – a cada troca de prefeito há centenas de demissões entre os beneficiados pelos cargos de confiança na prefeitura anterior (em sua maioria, varredores de rua, jardineiros, ajudantes de serviços gerais e, sobretudo, os mais jovens, entre os quais



há maior escolarização, animadores no crescente número de atividades culturais ou assistentes numa das inchadas secretarias da própria prefeitura).

A melhora da rede rodoviária torna SFC muito mais próxima de Salvador. Mercadorias, assim como idéias e modas da grande cidade, formam muito mais que antes parte dos horizontes simbólicos e de consumo dos moradores de SFC. Idéias, mercadorias e pessoas são mais móveis que antigamente. SFC parece ter passado da condição de comunidade segmentada por *status*, mas coesa socialmente, relativamente local, para aquela de comunidade em rede, relativamente global.

O cultivo do açúcar na região é tão antigo como a fundação da vila, e determina, durante mais de 400 anos, absolutamente todo o uso do espaço cultivável assim como as relações de trabalho, profundamente marcadas pela escravidão, a monocultura, a polaridade inconciliável entre interesses do latifúndio e do minifúndio, e a dependência dos preços do açúcar, que sempre foram muito ligados ao mercado internacional. Como ensina Sidney Mintz (1985), o açúcar representou, durante séculos, o principal produto da economia global, lugar tomado justamente pelo petróleo, no começo do século XX.

A exploração petrolífera, por definição, começa com um grande impacto sobre o meio ambiente, os usos e costumes “locais”, os padrões de consumo e até as relações de gêneros. Esse impacto tende a diminuir com o tempo, tanto porque o meio “local” passa a se acostumar, pelo menos em parte, quanto porque, pela própria dinâmica da exploração do solo e do extrativismo, um poço produz muito no começo para depois render menos, até ser selado para futuros usos.

Seguem alguns achados dos primeiros 24 meses de pesquisa.

A pesquisa tem focado três grupos de informantes: os ex-trabalhadores da grande Usina Dão João – que chegou a empregar 1.100 pessoas e que faliu barulhentosamente em 1969, devendo a trabalhadores e grandes credores, mas finalmente resolvendo estes últimos por meio da venda do maquinário;

os trabalhadores que nunca receberam, bem como os aposentados e pensionistas da Petrobras (sobretudo aqueles que entraram em serviço na década de 50 e 60, e aqueles que trabalharam no açúcar antes de se mudar para o petróleo); e os membros ativos de grupos culturais (os dois terreiros de candomblé mais “tradicionais”, ambos com alvará da nação angola, os grupos musicais e teatrais).

As entrevistas foram realizadas no território do município de SFC. Algumas foram no município limítrofe de Santo Amaro da Purificação. A maioria dos ex-trabalhadores da Usina foi entrevistada nas casas do antigo núcleo habitacional, na frente da Usina, ou na “aldeia”, um conjunto de casas edificado pela prefeitura nos anos 70, para abrigar parte dos ex-moradores da vila ao redor da usina, quando o novo dono insistiu em desalojá-los. As entrevistas com funcionários e pensionistas da Petrobras tiveram, em sua grande maioria, lugar nos distritos denominados de Vila (o centro urbano mais importante, onde fica a prefeitura) e de Monte Recôncavo (o segundo maior centro urbano do município).

CONTRAPONTO E TRANSIÇÃO

Sabemos que o açúcar foi a primeira mercadoria autenticamente global até o advento do petróleo (Mintz, 1985). Sabemos também que, após o açúcar, já a partir do começo do século XX, a segunda mercadoria, ou *commodity*, com um mercado global foi o petróleo (Bayat, 1999). Ainda hoje a riqueza de um país e seu grau de autonomia no cenário internacional provêm, em boa parte, do *quantum* de cereais e de petróleo que ele consegue produzir em relação ao seu consumo interno. Por isso o governo Lula está lutando contra o tempo para anunciar o fato histórico de que o Brasil, nesta década, será de fato auto-suficiente em termos de hidrocarburetos. Tanto o açúcar como o petróleo são mercadorias, digamos assim, cheias de cultura e de poder (Apter, 2004).

O Recôncavo Baiano é uma região que se interligou com o mundo durante quatro séculos graças à rede produzida pelo mundo do açúcar. A partir dos anos de 1950 a extração e refinação do petróleo foi a modalidade econômica que interligou a região com o resto do Brasil e com outros países (dos quais vêm navios, tecnologia e, às vezes, os próprios técnicos). Ora, os dois produtos apresentam redes, hierarquias, culturas e processos produtores de memória muito diferentes.

Por exemplo, o açúcar tinha um tipo de ligação com o solo diferente do petróleo. O cultivo da cana requiritava um cuidado extremo com a qualidade da terra, chegando até ao culto do massapé – o tipo de terreno ideal para o cultivo, cuja qualidade determinava o preço de uma plantação. O petróleo, por sua vez, está ligado ao extrativismo e seus rasgos culturais. O apego é ao “mineral”, como falava o aposentado da Petrobras Antonio, e não ao chão. Nisso, misturado à história da criação um tanto quanto autoritária da Petrobras, dirigida pelo general Geisel nos anos da sua formação, está a origem de um certo tipo de relação, digamos assim, presentista com o meio ambiente – as instalações ligadas ao petróleo (torres, tanques, cais, etc.) não somente podiam ser vistas, mas deviam estar à vista de todos. A Petrobras, afinal, mudava e modernizava a Bahia e, por meio dela, o Brasil.

O cultivo e a refinação do açúcar foram os empreendimentos econômicos que absolutamente hegemonizaram a economia durante quatro séculos. Esse cultivo chegou a ocupar 90% da terra do município e somente entrou em crise nos anos de 1950, mas continua na região e mais fortemente em municípios limítrofes, onde a Petrobras recrutou menor número de pessoas. Quatro séculos dominados pelo açúcar nos instigam a procurar tanto rupturas como continuidades no uso do território e nas formas sociais. Possíveis continuidades podem ser encontradas numa certa manifesta passividade empresarial que, até mesmo segundo a cultura popular, caracterizaria SFC, se comparada

com a dinâmica cidade de Candeias e até com Santo Amaro. Realmente, percebe-se pouco comércio e pouca iniciativa privada – até os restaurantes, as duas pousadas e a maioria dos grupos culturais dependem financeiramente da prefeitura. Afinal, o único mercado e o único cinema do município se encontravam no complexo da Usina Dão João. Tradicionalmente as pessoas sempre fizeram compras em Santo Amaro e, nos últimos anos, em Candeias, o entreposto para Salvador. Outra característica, enraizada na relação entre os donos dos engenhos e, mais tarde, usinas e o município, é o absenteísmo das elites – segundo os dados do IBGE nem mesmo os fisioterapeutas e odontotécnicos residem no município, mas em Salvador – junto com a relativa ausência, entre os moradores do município, de um grupo com renda intermediária. Segundo todos os informantes, a maioria ligada a atividades empresariais, a relativa riqueza de SFC repousaria em cima do confortável colchão formado pela boa arrecadação de ICMS da qual goza a prefeitura.

Não é de estranhar que as pessoas de idade e os jovens tenham lembranças bem diferentes. Quase todos os mais velhos, até mesmo os que trabalharam na Petrobras após terem trabalhado em usina ou com a cana, têm saudade de uma parte do passado agrícola – do “respeito”, do namoro à antiga, da harmonia entre vizinhos e na comunidade, da “falta de violência”, da tranquilidade e da falta de desemprego (todo mundo trabalhava, até mesmo as crianças!) que o mundo do açúcar propiciava. Em geral os jovens sabem pouco do passado, e não têm interesse por ele. A história da região, dizem em sua maioria, é algo que se aprende na escola, muito mais do que em casa, e que pertence ao reino das coisas que interessam aos velhos ou que se é obrigado a aprender na escola. Não é, portanto, algo que os excita e os deixa curiosos. Os jovens têm, por assim dizer, saudade do futuro e fome de tudo aquilo que identificam com ser ou parecer “moderno”. Mais do que resgatar um passado que eles identificam como algo que



MEMÓRIA

preocupa à velha geração, eles se importam bastante com aquele que será o seu lugar no futuro próximo. Embora para os pais, sobretudo aqueles que vivenciaram uma forte ascensão social graças à Petrobras, os jovens hoje não tenham futuro ou tenham um futuro pouco promissor, só porque a Petrobras não contrata mais pessoas pouco escolarizadas, para os jovens o futuro não amedronta, atrai.

Mesmo identificando uma mudança geracional, é preciso matizar. Assim, existem dois tipos de jovens: os da cidade e os do campo (principalmente os dos povoados crescidos ao redor das antigas plantações). Entre esses a reprodução da vida dos pais é recorrente, como a entrada no mercado de trabalho com 7 a 9 anos de idade. Por exemplo, na Fazenda Macaco, dois jovens irmãos começaram a vender frutas, deslocando-se todos os dias para Salvador, sendo que um deles tinha apenas 7 anos de idade. Atualmente com 24 e 26 anos, desenvolvem trabalhos nas fazendas vizinhas, cortando cana, consertando cercas e “destocando” o pasto. Moram em casas cedidas (localizadas dentro da propriedade das fazendas) e sonham com um “bom emprego” (“que pague 300 reais mais ou menos”) de segurança da escola. Deixaram precocemente a escola, pois não conciliavam com o trabalho. Para esses jovens, futuro é uma palavra incerta.

Já os jovens da cidade geralmente moram em casas próprias ou alugadas e permanecem mais tempo na escola, o que possibilita a troca de experiências com outros jovens e professores e permite ter uma expectativa de trabalho diferenciada de seus pais e avós, mesmo com a escassez de postos de trabalho na cidade. Vale a pena notar que os dois jovens da Fazenda Macaco eram conhecidos como “regueiros”, apaixonados por música *reggae*, que tocam a todo volume na casinha onde moram, na qual o único eletrodoméstico é o aparelho de som. Em termos de estilos musicais e roupa, jovens com perspectivas de futuro diferentes são surpreendentemente parecidos e bem informados, mesmo aqueles que não têm condições de participar como consumidores na cultura juvenil.

Embora não estivesse nos planos iniciais, a pesquisa se deparou com rico material, problemas e autênticos enigmas em torno da questão da memória do açúcar e do petróleo. Aqui pretendo apenas mencionar alguns problemas.

As estatísticas, como, por exemplo, censo agrícola e PNAD, não estão detalhadas em nível de município; não existe qualquer arquivo digno desse nome no município, com a exceção do arquivo do Convento, que, porém, não é de grande relevância para esta pesquisa. O Museu da Cidade foi fechado há anos (ao que parece o material se encontra na sede do IBGE em Salvador), até mesmo o Arquivo Municipal está inacessível porque, como diz o responsável, “está cheio de cobras e ratos”³.

Não há coleção de fotografias ou iconografia. As secretarias da prefeitura fotografam e filmam as obras que inauguram, mas esse material se perde quando, a cada eleição, outro governo assume a prefeitura. Tal governo, na fúria de mostrar que começa da estaca zero, nega todo o material coletado até então. As fotografias estão sendo reunidas por nós. Nesse sentido está sendo produzido um CD-Rom com centenas de fotos coletadas em bares, no sótão da prefeitura, em residências particulares e no terreiro de candomblé da Mãe Aurinha.

Um terceiro e irrecuperável obstáculo é que nestes últimos dois anos têm morrido muitos dos protagonistas da vida cultural dos anos 50. Em 2003 morreram o pesquisador Bill Hutchinson e o sr. Durval, animador do carnaval de SFC e líder de um importante trio carnavalesco; em 2004 morreu o sr. Aurinho, esposo de dona Aurinha, animador do mais importante candomblé da sede, e, finalmente, em 2005, morreu dona Carlita, a mãe-de-santo do outro importante terreiro de candomblé, enraizado na comunidade de São Bento, tida como a mais pobre (e negra) do município. Com a exceção de dona Carlita, desses outros personagens-chave somente logramos seguir os rastros deixados na memória dos vizinhos e em escassos documentos.

3 Vale a pena salientar que a contabilidade da prefeitura de SFC, notoriamente pouco escrupulosa, foi sorteada para ser investigada pela Receita Federal, duas vezes nos últimos três anos; até mesmo o cargo de prefeito tem sido sujeito a pesadas críticas nas últimas quatro legislaturas – desde quando o cargo de prefeito começou a se tornar exclusividade da elite mulato-negra local, substituindo o tradicional representante das famílias dos usineiros, a partir do começo dos anos de 1970. O atual prefeito, que goza do apoio do partido de direita PFL e do atual governador do Estado, já foi afastado pelos tribunais regionais duas vezes no último ano.

Sabe-se, como ensinam Le Goff e Halbwachs, que a memória tem a ver com poder e, nesse sentido, o açúcar perde enquanto o petróleo ganha. Açúcar e petróleo formam o mais recente contraponto na economia baiana, que já conheceu os do açúcar e do tabaco e do açúcar e da mandioca. Trata-se de um contraponto que penetra até na estrutura e na narrativa da lembrança. Sendo que no açúcar se percebe quanto o (quase) analfabetismo afeta a memória, assim como a falta de imagens do passado – certificados, quadros e fotos. O antropólogo Jack Goody explica como a escrita muda a arte de contar e a mnemônica; o antropólogo e historiador Ernst Gellner informa como a escrita e os letrados (cultos e populares) são essenciais na construção da noção de patrimônio assim como em seu aproveitamento no desenvolvimento de um processo identitário ou nacionalista. Pelo contrário, na Petrobras temos o resgate de antigas fotos e relatos pessoais realizados pelo Projeto Memória (financiado pela empresa), por um sindicato ativo, pelas celebrações de momentos importantes da vida dos funcionários na empresa, pelos clubes recreativos (onde funcionários de diferentes escalões podem se encontrar, corroborando a idéia de que a empresa valoriza o trabalhador manual) e pela assistência médica e social – todos deixando documentos, atestados, e fotos.

Se excluirmos os funcionários da Petrobras e seus dependentes e as lideranças das duas maiores casa de candomblé, somente outro grupo bem menor parece ter um projeto organizado ao redor da memória. Esse grupo é formado por alguns representantes da pequena elite açucareira local, hoje produtores de cana para a grande usina no município de Amélia Rodrigues, sendo que os descendentes da grande elite já não moram mais na região. Seja por motivos de negócios seja por operar dentro da cultura cartorial (sobretudo em torno da propriedade da terra), esse grupo guarda documentos e saudosas lembranças de um passado pré-Petrobras.

De resto, as lembranças das pessoas são pouco profundas: a memória deve ser exercitada para funcionar bem. Como nos

mostra Miguel Vale de Almeida (1999) na sua excelente e pormenorizada etnografia do caso de Ilhéus, no sul da Bahia, até mesmo a memória dos assim definidos grupos culturais não chega a 30 anos – embora eles façam do enraizamento na tradição sua razão de ser, sobretudo no caso das duas casas de candomblé que pesquisamos, ambas da nação angola.

Além da escassez de materiais que lembrem de açúcar, há outro problema em relação à qualidade daquilo que se lembra. Na região da pesquisa têm sido criadas fortes condições para que a cultura operária que se formou nos canaviais e na usina seja esquecida, mantendo-se apenas as lembranças adoçadas da relação senhores/trabalhadores. Na família Tourinho, uma das famílias senhoriais da região, isso se deve ao trabalho de resgate do passado desenvolvido pelos filhos do antigo dono da Usina Dão João, entre os quais um conhecido senador, certamente inspirado pela saga açucareira do escritor autobiográfico pernambucano José Lins do Rego, que produziu o comentário literário ao trabalho de Gilberto Freyre, celebrando a relativa harmonia de sua infância, como filho de um dono de usina.

Já o historiador S. Schwarz⁴ queixou-se da pouca documentação que ficou sobre os engenhos e que estes quase sempre foram relatados a partir da varanda da casa-grande – a morada dos senhores, onde se hospedavam viajantes e ensaístas que nos deixaram escritos. O mesmo pode ser dito a respeito da pesquisa de Bill Hutchinson, que, como conta dona Isabel, empregada da família Tourinho, chegou a morar na residência deles nos *cottages* da usina. Até então Bill é sempre lembrado em associação com a família Tourinho-Aires Junqueira: por dona Isabel, pela senhora que cuida da igreja da Conceição, por Nequinha Amaral e pelos próprios integrantes da família Tourinho. Claro, Bill casou com Carmelita Tourinho-Aires Junqueira, filha do dono da usina e estudante de antropologia no recém-estabelecido curso de antropologia na Universidade Federal da Bahia. Antes de se casar com Bill, Carmelita foi sua assistente.

Esse olhar de Bill desde a varanda influenciou a linguagem do etnógrafo – na sua

4 Autor do magistral *Segredos Internos*, até hoje o livro que mais minuciosamente descreve o mundo do açúcar durante a escravidão no Nordeste.

volta ao campo, em 1953, ele já sinalizava as atividades de “agitadores comunistas” na plantação, descritos como elementos estranhos à cultura do açúcar – e pôde contribuir para amenizar a descrição das condições de vida na usina e na plantação: ele fala que o tabaco permitia acumular *cash* que depois era gasto com os extras, mas os ex-funcionários fichados não lembram disso e acrescentam que eles nem tinham direito de ter uma bananeira, a planta mais simples. Fica a dúvida se essas brechas, esses espaços para ganhos extras, eram possíveis antes da chegada do empresário e investidor de origem suíça (membro da família Wildberger, hoje dona de prédios e de um celebrado salão de festas em Salvador), que tinha se enriquecido na região baiana do cacau e resolveu investir no açúcar, com o objetivo de “modernizá-lo”. Com efeito, nossos informantes somente lembram da usina pós-suíço, mais dura, impessoal e “racional” com todos.

Na usina não havia um moderno sindicato dos trabalhadores, embora o jornal semanal *O Momento*, do partido comunista, relate inúmeras tentativas de fundá-lo e de algumas malogradas greves na região, que acabaram com centenas de operários presos na cadeia de Santo Amaro e, como nos contam os velhos informantes, com alguns líderes da greve sendo espancados e até mortos. Agia na usina o Sindicato do Açúcar, estrutura corporativista do mundo do açúcar, ao que parece sempre mais próximo dos donos que dos operários. Dessa forma, não descobrimos nenhum arquivo do movimento sindical no mundo do açúcar baiano. Como nos diz o ex-prefeito de SFC, atual cultivador de cana, e já gerente da Usina Dão João: “Na época não precisava de sindicato, tudo se resolvia comigo mesmo, na conversa. Fazia isso tão bem que todos os operários da Usina com cédula de eleitor votaram em mim. Foi graças a eles que me elegi”. Nisso, esse primeiro prefeito mulato teve que enfrentar o seu poderoso ex-padrinho, o (branco) dr. Vicente Porciúncula, autêntico senhor de cerca da metade das terras do município e de muito canavial.

Aliás, se não o primeiro, certamente o mais importante movimento organizado de

trabalhadores da terra nessa região nas últimas três décadas foi o relativamente recém-formado MST. Há (pobres) acampamentos do movimento na estrada que liga SFC a Santo Amaro, nas terras que já pertenciam à Usina Santa Elisa. Nas conversas na “aldeia”, onde moram os velhos que trabalharam na usina e seus descendentes, o MST representa uma alternativa de vida, com um estilo de vida próprio, enfim, a possibilidade de mudar um contexto em que a quase todos a posse da terra sempre foi negada. O MST é, por assim dizer, uma válvula de escape para aqueles aos quais a terra sempre foi negada. O messianismo desse movimento deve ter atingido os ex-operários da usina! Mas isso ainda não se constitui numa memória, digamos assim, solidificada, como no caso do Projeto Memória para a celebração dos 50 anos da Petrobras.

FOTOGRAFIA

Passamos por uma grande mudança geracional no que diz respeito à fotografia. Antigamente somente os ricos tinham “retratos”. Para os funcionários da usina a única foto era aquela da carteira de trabalho, e se tratava quase sempre de homens. Por isso eles ficaram chocados quando a usina, logo depois de falida, jogou uma caixa de documentação na maré. As pessoas chegavam a ver a própria fotografia flutuando no manguezal.

Antigamente ninguém tirava retratos num matrimônio, mas este durava muito. Hoje qualquer casamento, até de pessoas de baixa renda, é amplamente fotografado e até filmado, mas a união é de curta duração. Tais fotos “valem”, para nossa memória, bem menos que as poucas fotos do passado.

Em torno das fotos que deveriam ter sido guardadas pela Secretaria de Cultura e Turismo se deu uma verdadeira novela. Fomos avisados por uma informante que no Bar do Rocha havia um monte de fotos, às vezes exibidas em painéis. Fomos ver e realmente achamos, muito mal acondicionadas, cerca de 250 fotos que testemunham obras e manifes-

tações culturais das prefeituras anteriores. As fotos foram encontradas no lixo, não sabemos se jogadas fora pela atual administração ou por aquela que estava saindo da prefeitura. Assim que foram encontradas, as fotos foram aproveitadas para animar o Bar do Rocha. Elas eram mostradas aos fregueses que, reconhecendo um parente ou a si mesmos, podiam comprá-las. A mais requisitada era a foto de um jogador do Vitória, nascido em SFC, pela qual foram oferecidos 50 reais, mas Rocha não quis vender.

ELITES

Quase todas as famílias que antigamente tinham prestígio, os donos de usinas e canaviais, que já faziam o belo e mau tempo em SFC, se retiraram para Salvador ou São Paulo. Aquelas que ficaram modificaram-se bastante – morenizando-se e até enegrecendo-se (por efeito de casamentos com pessoas negras, sobretudo empregados da Petrobras), como no caso da família Bulcão, da qual o atual prefeito (negro) faz parte, ou se mantiveram brancas por meio de casamentos com parceiros brancos de Salvador, mas tiveram que desenvolver estratégias para ser aceitos e respeitados numa cidade onde os brancos são oficialmente 8% (estimativa, a meu ver, exagerada) e até o poder político, há pelo menos três legislaturas, não está mais nas mãos dos brancos. Assim a família Peralva, ainda dona de muitíssima terra até mesmo dentro da vila de SFC, continuou sendo aceita, embora completamente branca, porque investiu na política local quando todas as outras famílias de usineiros já tinham se mudado para outra cidade.

CULTURA POPULAR, CULTURA NEGRA E CULTURA AFRO-BAIANA

As narrativas em torno do lazer e religiosidade dos informantes mais velhos remetem a grupos culturais ligados ao

terreiro de candomblé que se localizava no interior da Fazenda D. João, sendo um lugar comum das festas, para os moradores do local. A vida cultural se construía em torno das casas de santo: grupos de samba, reisados e carurus. Festas que, muitas vezes, “uniam”, no mesmo espaço físico, patrões e empregados e saciavam a fome dos funcionários.

Atualmente, na cidade, muitos grupos culturais estão intimamente ligados aos dois terreiros mais importantes e são esses grupos que representam a cultura local em Salvador e até na França. Eles são a marca da cidade, ou melhor, a tradição da cidade. Essa “tradição” está sendo revisitada, como o Lindro Amor, uma forma muito original de celebrar Deus com cantos e danças de origem portuguesa e africana, e que, após 40 anos de “esquecimento”, foi resgatado, agora, como conjunto folclórico. À frente desse movimento de resgate e reinvenção está uma casa de santo, com o objetivo de dar continuidade às manifestações culturais locais e, talvez, manter-se como elo entre essas tradições. As duas mães-de-santo representam a geração que assistiu às mudanças e participaram delas, e as mães-pequenas, suas filhas de sangue, representam a geração escolarizada, em que as mulheres têm empregos fixos e dividem com o companheiro a posição de “chefe de família”. O grupo Lindro Amor é dirigido por uma mãe-pequena, a filha-de-santo e sangue de uma importante mãe-de-santo do local, que concluiu o curso superior em Salvador. Cerca de uns dez anos atrás essa mãe-pequena começa a utilizar na região os termos “cultura negra” e “cultura popular”, às vezes como equivalentes, para validar e diferenciar o seu grupo de vários outros grupos locais. Esses termos aparecem nos pedidos de apoio e patrocínio que o grupo encaminha à prefeitura e a diferentes órgãos do governo do Estado que apóiam a cultura popular. O prestígio e o acesso a outras esferas, como viajar pelo Brasil e até o exterior para apresentar a cultura negra e local, só podem ser aceitos a partir do momento que esses grupos se assumem como verdadeiros descendentes do legado cultural negro do



Recôncavo Baiano. Como afirmou uma filha-de-santo que participa do grupo Lindro Amor, “[...] pediram lá uma negra do beijo alto, que ela é bem negra... Alta e que os franceses pediram uma dessa lá, levaram as roupas pra vestir lá. Pra apresentar lá, levou um mês [...]”.

A terminologia da cor, a forma pela qual os informantes se autodefinem e definem os outros, foi um dos alvos da pesquisa. Nas entrevistas e nas conversas captadas durante a observação participante, a cor, não obstante a insistência dos pesquisadores, se apresenta quase como tema exógeno: não surge espontaneamente, nem mesmo quando se fala de cultura. Isso leva a refletir sobre o que podem ser as relações raciais e a cultura negra numa região onde os brancos são minoria. Há, nas opiniões das pessoas, uma quase equivalência entre cultura popular e o ser negro – ser pessoa de cor é o normal – tão normal que nem precisa nomeá-la como tal. É o ser branco que se constitui uma pequena exceção. Ora, cultura popular e cultura negra não são percebidas como equivalentes – mesmo que as expressões definidas como pertencentes à cultura popular sejam praticadas (quase que exclusivamente) por pretos e pardos, elas não são vistas por quem as pratica como eminentemente negras. O termo “cultura negra” tende a ser usado, sobretudo, pelos animadores culturais da prefeitura, que provêm de Salvador e que fazem da assim dita cultura afro-baiana um modelo a ser seguido – no entendimento de que aquele modelo também pode ser aproveitado para aumentar o “potencial turístico” do município. A relação Salvador-Recôncavo, no que diz respeito à criação de uma cultura negra, precisa ser problematizada em detalhe. Até então, pode se dizer que, por cultura afro-baiana entende-se na realidade cultura afro-soteropolitana.

Na última década, muito inspirados na mensagem do órgão estadual de promoção do turismo, Bahiatursa, a prefeitura de SFC tem investido, mais ainda do que qualquer outra na região, em festa. O São João virou atração para milhares de forasteiros e no carnaval também se investiu muito, seja

contratando artistas e trios elétricos da capital, seja, nos últimos anos, promovendo o Carnaval Cultural – um processo de valorização dos grupos locais. Começa a se desenvolver, no discurso do poder público, a noção da “cultura” como patrimônio a preservar. Nisso se vê a influência forte do discurso hegemônico no poder político baiano: a Bahia como modelo de economia centrada espetacularmente no turismo e no consumo conspícuo. Marcando uma fase nova para a cultura de SFC, a prefeitura mandou produzir e distribuir centenas de camisetas com a inscrição “São Francisco do Conde capital cultural”.

Se falar de cultura negra é algo pouco problemático, dizer-se negro já corresponde a uma postura política frente ao racismo, mesmo que discreta. Ser negro aparece muito mais nas narrativas dos operários sindicalizados na Petrobras do que entre os ex-trabalhadores da usina, mesmo se levamos em conta os que desenvolvem tarefas mais especializadas. Dizer-se negro aparece ainda mais entre os filhos desses antigos funcionários da Petrobras. É como se fosse necessário ter, primeiro, uma geração de pais maciçamente atingidos pela “modernidade” – no sentido de relações de trabalhos regidas por regras contratuais, mais do que por acordos fundados em *status* diferentes de padrões e trabalhadores – para que se pudesse efetivar a transição do dizer-se preto (um dos cinco termos relacionados à cor do censo brasileiro, desde 1872) para o ser negro (um termo que, no Brasil, mais do que uma cor, sugere o pertencimento, político e assertivo, a um grupo racializado e agora em curso de emancipação).

HOMBRIDADE

Se a cor não surge quase nunca espontaneamente, o tema da hombridade, muitas vezes associado ao tema do respeito e da honra, aparece como central nas falas e memórias.

Os discursos e lembranças em torno do dr. Vicente Porciúncula, branco, antigo senhor das usinas e canaviais ao redor do

povoado do Monte, parecem confirmar a importância da hombridade. Trata-se de um jogo centrado em torno da noção de respeito que une homens que podem se encontrar em posição muito diferente um do outro. Assim o seu Cula, negro, responsável pela pesagem da cana na Usina Engenho D'Água, e o dr. Vicente tinham uma relação respeitosa. Nas memórias dessas relações o caráter belicoso mas honrado do dr. Vicente parece ter muito mais espaço que a diferença de classe. A cor, ademais, nunca é mencionada e, quando insisto nessa questão, eles respondem que os Porciúncula eram brancos legítimos, achando minha pergunta meio fora de lugar. Ao perguntar mais diretamente se havia racismo, as pessoas (todas) responderam que não, que os funcionários eram respeitados e que havia momentos de convívio entre os senhores e os funcionários (Natal e São João). Os filhos dos funcionários recebiam presentes de Natal da família Porciúncula. E os salários nunca eram pagos com atraso, como se houvesse um compromisso entre senhores e funcionários – um compromisso altamente valorizado. Outros entrevistados, sobretudo aqueles que trabalharam no campo, no cultivo da cana, têm lembranças muito menos agradáveis no que diz respeito à relação entre trabalhadores e chefia.

A sensação que tivemos durante as entrevistas e as conversas informais é que mencionar a cor e uma possível tensão racial na região, sobretudo quando a conversa gravitou ao redor de lembranças de um passado tido como harmonioso, é como querer estragar uma comida boa. Pior ainda foi sugerir, como os pesquisadores tentaram fazer durante a primeira fase do trabalho de campo, que os entrevistados associassem alguns dos tratos da vida social e cultural da região, da usina, do açúcar e das relações hierárquicas contemporâneas a um passado escravocrata. A escravidão é algo que precisa ser exorcizado.

E O GÊNERO ?

Percebe-se que a instalação da Petrobras afetou profundamente as relações de gênero,

assim como elevou dramaticamente o padrão de vida dos interessados. Com relação ao mundo industrial-agrícola do açúcar, o petróleo significou uma masculinização do mercado de trabalho – na região, a Petrobras empregou somente homens. Mas a Petrobras tanto dá (renda, assistência médica, aposentadoria) como toma (nos primeiros anos, foram muitíssimos os infortúnios mortais na região e grupos inteiros de funcionários chegaram a se demitir por medo disso). Sobretudo nos anos da construção das estradas e plataforma, o trabalho era de altíssima periculosidade. Encontramos muitas famílias com parentes ou amigos mortos no trabalho (ver o culto de Santo Antônio, venerado como protetor dos queimados).

Inúmeros são os relatos de como o alto salário pago a quem até então tinha trabalhado por um baixo salário chega a afetar o estilo de vida, o padrão de consumo e a vida (extra)conjugal.

Percebe-se uma mudança dos comportamentos sexuais e até da noção de parceiro (homem) ideal. Mas ainda é forte a dupla moral: “o que ele faz longe de mim pouco me interessa”. Pergunto-me como o modelo homem-Petrobras – com sua esposa (a “federal”) e as outras mulheres (“sucursais”) das quais também tomava conta – pode ter contribuído para a continuação da dupla moral.

Claro que a memória acompanha esses processos: as mulheres lembram da instalação da Petrobras como algo que lhes permitiu se tornar dona de casa e, mais tarde, pensionista que vive da aposentadoria do marido (ambas figuras que não existiam na usina, já que todos aqueles definidos como aptos ao trabalho tinham que trabalhar o tempo todo, e poucos funcionários gozavam de direitos de aposentadoria), o que garantiu uma vida mais longa e saudável aos filhos e permitiu um padrão de consumo novo (os petroleiros foram os primeiros, entre os trabalhadores, a adquirir, em SFC, gêneros de consumo como TV, geladeira e carro); as mulheres porém, também lembram da vida conjugal tumultuada e do marido infiel.



A FAMÍLIA

A partir dos anos 60 as famílias de petroleiros começam a mudar com relação aos arranjos familiares dos trabalhadores do açúcar: a mãe deixa o trabalho nas plantações de açúcar ou nas casas de família para cuidar da sua própria família. Nesse momento, há aumento na escolarização dos filhos, tendo em vista que não há mais necessidade de trabalhar, e a figura materna passa a gerenciar a ida dos filhos à escola. Como uma das conseqüências desse processo, os homens se distanciam mais da estrutura familiar. O conforto que é oferecido a sua esposa e filhos faz contraponto com a ausência do homem na casa: bordéis, bares, amigos de “noitadas” e segundas famílias tornam-se comuns em face do aumento do poder aquisitivo. É relatado que muitos homens construam novas famílias à proporção que seus salários aumentavam. Além do pesar da morte, que se tornou comum no local de trabalho, sobretudo nas perfurações, as mulheres tinham que suportar a dor da traição. Interessante notar que essa melhora na qualidade de vida dos funcionários da Petrobras não chegou a suportar uma geração, pois poucos filhos de petroleiros da região cursaram uma faculdade. O que se vê são filhos(as) com famílias morando na casa de seus pais, ou filhos solteiros que não exercem nenhuma atividade remunerada por acharem que não se adequam ao seu padrão ou perfil (geralmente esses cursaram até o segundo grau completo).

AS DUAS ABOLIÇÕES

A região pesquisada passou, nos últimos 125 anos, por duas poderosas mudanças. A primeira foi, é evidente, a Abolição da escravidão em 1888, que na região foi um momento dramático, já que os donos das plantações e usinas tentaram primeiro impedir-lha com todos os meios e depois manter os escravos até o último momento (Fraga Junior, 2003). Após a forte crise que acom-

panhou aqueles anos, somente uma parte dos donos do açúcar voltou para essa produção na região: aqueles que conseguiram se adaptar ao novo contexto e estabeleceram um novo acordo com os ex-escravos, agora livres e assalariados.

A Abolição redefine as noções em torno do trabalho físico. Ela possibilita e, conseqüentemente, estimula a mobilidade horizontal. Depois de gerações de pessoas impossibilitadas de mudar de dono/patrão por escolha própria, grandes números de trabalhadores, agora livres, nessa região, como em muitas outras nas Américas, se mudam para a cidade ou migram regularmente entre plantações e usinas limítrofes. Poder mudar de patrão, mesmo sem que isso levasse a uma melhora substantiva das condições de remuneração do trabalho, já era um passo adiante, uma prova de ser livre.

A outra determinante mudança, chamada de segunda abolição por alguns informantes⁵, acontece com a chegada da Petrobras: pela primeira vez, valoriza-se e paga-se bem o “técnico” e o trabalho manual especializado. A empresa oferece critérios (quase) universais com relação às hierarquias e ascensão social. O mundo do açúcar entra fortemente em crise em todas as regiões onde se instala a Petrobras. Os funcionários, especialmente os mais qualificados, das usinas e, em menor medida, das plantações são absorvidos pela Petrobras, ávida de mão-de-obra qualificada e, sobretudo nos primeiros anos, também de força de trabalho não-qualificada que a empresa treina. As prefeituras deixam de ser monopolizadas pelos donos do açúcar e seus representantes, para tornar-se, ademais nessa que foi declarada Área de Segurança Nacional, cintos de transmissão da relação entre a Petrobras e o território – donas, agora, de uma alta arrecadação vinda dos impostos da indústria petrolífera repassados ao município. Passamos do capitalismo com capitalistas do mundo do açúcar para o capitalismo sem capitalistas da época determinada pela instalação e logo crescimento da indústria petrolífera e, mais recentemente, para a riqueza sem capitalismo – agora que o impacto da indústria petrolífera para

⁵ Numa palestra no dia 11 de novembro de 2005 no Centro de Estudos Afro-Orientais em Salvador, o historiador José Murilo de Carvalho apontou que o povo brasileiro estaria agora manifestando o desejo de uma segunda abolição, resultado de novas e crescentes demandas de cidadania. A chegada da Petrobras, ao que parece, criou condições nesse sentido, já há três décadas.

a economia local é, sobretudo, devido ao forte ICMS repassado para a prefeitura, que permite aos políticos locais distribuir riqueza não produzida, mas recebida.

Vale a pena acrescentar que, durante essas duas crises e as três fases recém-mencionadas, nas narrativas dos trabalhadores a respeito das desigualdades, da riqueza e da pobreza, a cor tende a ser esquecida ou escondida e a classe, enfatizada.

CONCLUINDO

Que indícios temos do funcionamento de uma cultura das desigualdades extremas e duráveis? Em primeiro lugar, averiguamos existir uma terminologia sobre as épocas e os fatores que determinam pobreza ou riqueza hoje, como se explica a insatisfação para com a própria condição social, e, finalmente, como aparecem os termos “negros” e “cultura negra”.

Na época do açúcar, diz a maioria dos informantes mais velhos, “não tinha pobre”, todos trabalhavam, inclusive os jovens, não havendo inativos. Os mesmos informantes acrescentam, porém, que se morria e adoecia muito, sobretudo os meninos.

Hoje os pobres são vistos como aqueles que ficam fora das redes de poder porque não sabem ou não podem lidar com elas. Ter bons contatos com o prefeito, com os intermediários das empresas subsidiárias da Petrobras e com a elite local é visto como critério essencial para não se tornar pobre. As entradas do petróleo são distribuídas de forma política pela máquina da prefeitura, muito mais atendendo a demandas de popularidade por parte dos políticos do que por se tratar de áreas mais necessitadas. Essas entradas permitem um novo cachiquismo nas regiões onde elas são expressivas, como parte da Bahia e do Rio de Janeiro, pois pouco requerem algum tipo de contrato social, já que o “ouro negro” vem do chão e não precisa ser produzido por uma relação tradicional capital-trabalho.

O sucesso é hoje determinado por uma dupla de fatores: educação e “pistolão” (recomendação). O primeiro é tido como

moralmente superior, mas inatendível. O segundo tende a ser visto como um mal necessário. Quem escolhe apostar na educação como vetor da ascensão social sabe que, se esta se realizar, o levará para fora de SFC, sobretudo para Salvador. O “pistolão” requer menos investimento educacional, embora ajude, e ademais permite ficar na localidade – nem todos querem sair. Trata-se de recomendações para ter um dos tantos cargos de confiança na máquina municipal, uma vaga nas muitas empresas subsidiárias da Petrobras (frequentemente chamadas de “gatas”) ou uma vaga em uma das três fábricas de médio porte de calçados recém-instaladas perto da sede da prefeitura graças a importantes subsídios de instalação pagos por ela. O fato de os prefeitos serem pessoas locais, pretos e pardos de famílias conhecidas, ajuda muito a vislumbrar um tipo de forte ascensão social, a ascensão “pela política”. Nisso o pobre é aquele que não tem jeito nem vez, que fracassou tanto pelo viés da educação como por aquele do “pistolão”. Do lado oposto vem a figura do próprio prefeito, aquele com dinheiro “para fazer acontecer”, um sortudo capaz, dono da coisa pública e que anseia por boa reputação que o leve a ter sempre mais votos. Não é um capitalista. Muitos desejariam ser prefeito, ninguém jamais manifestou o desejo de se tornar um capitalista.

Vale a pena ressaltar que o impacto da Petrobras na economia local é, hoje, menor que há duas décadas. Poucos dos antigos funcionários da Petrobras trabalham nessa empresa, muitos deles são ou se sentem formados, mas sem emprego, ou desenvolvem atividades econômicas bem menos remuneradas que aquelas dos pais. Esperando um emprego digno de sua formação, a maioria prefere depender dos pais a fazer biscate ou aceitar o tipo de trabalho mal pago da região, onde, por exemplo, as empregadas domésticas ganham ainda menos do que em Salvador.

A pesquisa mostra, ademais, que já na economia do açúcar se cria uma classe operária de fato moderna, com comportamento que nos lembram os textos clássicos sobre a formação da classe operária, por exemplo,



na Inglaterra: são proletários, residentes nas imediações da usina ou da plantação, dependem da usina e de suas plantações para a compra de alimentos, têm horários e ritmos de trabalho estritamente estabelecidos, tentam de muitas formas ganhar mais alguma coisa ou produzir alimentos nas poucas horas vagas. Mas a empresa tende a dificultar todas essas atividades por medo de o trabalhador se tornar mais independente. Ademais, nas usinas de açúcar do município se concentraram, no pós-guerra, os altos investimentos tecnológicos da região, chegando máquinas e caldeiras importadas, engenheiros franceses para instalá-las e treinar a mão-de-obra local, contraindo-se empréstimos com bancos para investir ainda mais. Em outras palavras, identificar o mundo do açúcar com o “atraso” é um falso histórico ainda que a chegada da indústria petrolífera tenha modificado as relações de trabalho radicalmente, sobretudo por pagar bem o trabalho manual pela primeira vez na história da região, por se basear em relações mais abstratas e centradas no trânsito com pessoas com nível de instrução diferente, e por prever e necessitar da alfabetização dos trabalhadores manuais.

Tanto no mundo do açúcar como naquele do petróleo as desigualdades são verbalizadas em termos de classe de acordo com a tentativa tanto de empregados como de empregadores de omitir a questão da cor nas entrevistas e na auto-apresentação. Essa pervasiva consciência de classe anda junto com uma igualmente onipresente cultura da cor – falar o tempo todo do fenótipo, opinar a respeito, porém não necessariamente discriminando racialmente. Nos anos 60 e mais fortemente nos anos 70, com a sindicalização e as lutas sindicais e com a redemocratização, muda a representação das desigualdades. Chegam termos como “cidadania”, “caminhada” e “emancipação”. Acontecem, em torno do final dos anos 50, outros fenômenos relevantes: formalizam-se nos dogmas e se urbanizam as casas de candomblé, em terreiros parecidos com aqueles de Salvador, e se instala na região a Assembléia de Deus (primeira igreja protestante a chegar). Assim, o campo religioso se torna mais “moderno” e variado. Nas entrevistas,

observa-se que é ao redor desse período e desse conjunto de mudanças que começa a aparecer o termo “negro” frequentemente associado com o termo “cultura”. Enfim, tornar-se negro não é algo que acontece de forma separada de uma série de mudanças

rumo a uma das possíveis modernidades; não é somente um processo que se alimenta, por assim dizer, de modernidade, mas surge de forma polifônica e contraditória, associado a outras identidades e ao desejo de cidadania mais completo.

BIBLIOGRAFIA

- BARICKMAN, P. J. *A Baian Counterpoint. Sugar, Tobacco, Cassava and Slavery in the Recôncavo 1780-1860*. Stanford, CA, Stanford UP, 1998.
- BRAGA, Célia Maria Leal. *Relações de Trabalho no Meio Rural*. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 1970.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia. Sociedade e Economia em Transição*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.
- CÂMARA, Marcos Paraguçu de A. *Termos de Referência para Elaboração do Plano Diretor de São Francisco do Conde*. Conder, janeiro de 1978.
- CASTRO, Mary. *Mudança, Mobilidade e Valores — Uma Experiência no Recôncavo Baiano: São Francisco do Conde*. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, novembro 1971.
- CHOR MAIO, Marcos. “Projeto Unesco e Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 141, 1999.
- COSTA PINTO, Luis da. *Recôncavo*.
- HARRIS, Marvin. *Town and Country in Brazil*, 1958.
- HUTCHINSON, Harry William. *Village and Plantation Life in Northeastern Brazil*. Seattle, University of Seattle Press, 1957.
- MARGOLIS, Maxine. “The Ideology of Equality on a Brazilian Sugar Plantation”, in *Ethnology*, 1975.
- MINTZ, Sidney. *Sweetness and Power. The Place of Sugar in Modern History*. New York, Penguin Books, 1985.
- OLIVEIRA JR., Franklin. *A Usina dos Sonhos, Sindicalismo Petroleiro na Bahia: 1954-1964*. Salvador, EGBA, 1996.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. *Memória Histórico-Geográfica de São Francisco do Conde*. Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde.
- PIERSON, Donald. *Cruz das Almas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem Etnicidade*. Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/ Pallas, 1994.
- . “Não Trabalho, Cor e Identidade Negra: uma Comparação entre Rio e Salvador”, in Yvone Maggie & Cláudia Rezende (orgs.). *Raça como Retórica: a Construção da Diferença em Perspectiva Comparada*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- . “Jovens e Oportunidades, as Mudanças na Última Década e as Variações por Cor e Classe — Não se Fazem mais Empregadas como Antigamente”, in Carlos Hasenbalg & Nelson do Valle Silva (orgs.). *Desigualdades Sociais: o Estado da Nação*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.
- SANTO, José Jorge Espírito. *Panorama Geográfico e Sócio-Econômico de São Francisco do Conde*.
- . *São Francisco do Conde: Resgate de uma Riqueza Cultural*. São Francisco do Conde, 1998.
- SCHWARZ, Stuart. *Segredos Internos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de. *A População do Recôncavo Baiano*. Bahia, Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia, 1976.
- SOUZA, Regina Celeste de Almeida. *A Fragilidade da Agricultura Alimentar no Recôncavo — o Exemplo de Candeias*. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, dezembro de 1971.
- TOURINHO, Maria Antonieta de Campos. *A Instrução Agrícola e a Crise da Economia Açucareira na Segunda Metade do Séc. XIX*. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, fevereiro de 1982.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. “Poderes, Produtos, Paixões: o Movimento Afro-Cultural numa Cidade Baiana”, in *Etnográfica* III (1), 1999, pp. 131-56.
- WAGLEY, Charles & ROXO, Cecília. “Serendipity in Bahia”, in *Universitas*, nº 6 e 7, Bahia, maio/dezembro, 1970.
- WAGLEY, Charles. “Plantation America: a Culture Sphere”, in Vera Rubin (ed.). Amsterdam, 1960.
- . (ed.). *Race and Class in Rural Brazil*. Paris, Unesco, 1963.